



SINTOMAS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO NO ENSINO SUPERIOR: EVIDÊNCIAS DE MAIOR VULNERABILIDADE ENTRE ESTUDANTES

*ANXIETY AND DEPRESSION IN HIGHER EDUCATION: EVIDENCE OF STUDENT
VULNERABILITY*

*SÍNTOMAS DE ANSIEDAD Y DEPRESIÓN EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR:
EVIDENCIAS DE MAYOR VULNERABILIDAD ENTRE ESTUDIANTES*

Bruno Galdiano Araújo¹
Thales Velasco Gonçalves da Silva²
Luiz Carlos Medeiros de Souza Filho³
Kathleen Ferreira da Silva⁴
Luciana Moreira Lima⁵

RESUMO

A prevalência de sintomas de depressão e ansiedade no meio universitário é um desafio crescente para a saúde mental. Este estudo transversal, observacional e analítico investigou a distribuição desses sintomas entre estudantes, professores e funcionários técnico-administrativos em educação (TAE) de uma universidade pública no Brasil. Foram aplicados os Inventários de Depressão (BDI) e Ansiedade (BAI) de Beck a 720 participantes, incluindo 527 estudantes, 96 professores e 97 TAE. Os resultados revelaram que os estudantes apresentaram maiores prevalências de sintomas moderados a severos tanto de depressão (27,9%) quanto de ansiedade (22,0%), além de maior proporção de casos severos (14,0% e 12,7%, respectivamente) em comparação a professores e TAE, cujas taxas foram significativamente menores. A análise estratificada entre estudantes mostrou que mulheres obtiveram escores mais elevados em todos os domínios clínicos dos inventários, destacando maior vulnerabilidade feminina no contexto acadêmico. Professores e TAE apresentaram distribuições semelhantes, concentrando-se nas categorias de sintomas leves ou ausentes. Os achados reforçam a necessidade de estratégias institucionais de prevenção e suporte psicológico

¹ Graduando de Medicina, Escola de Medicina e Cirurgia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: brunogaldiano@edu.unirio.br Orcid: <http://orcid.org/0009-0008-5198-4958>

² Graduando de Medicina, Escola de Medicina e Cirurgia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: thalesvelasco@edu.unirio.br
Orcid: <http://orcid.org/0009-0006-6311-9270>

³ Graduando de Medicina, Escola de Medicina e Cirurgia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lcmsouza filho@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0009-0001-1509-5132>

⁴ Graduanda de Nutrição, Escola de Nutrição, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: kathleen.f.silva@edu.unirio.br Orcid: <http://orcid.org/0009-0008-8954-7665>

⁵ Doutora em Ciências Farmacêuticas, Instituto Biomédico, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: luciana.lima@unirio.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5349-1577>



direcionadas a grupos específicos, com ênfase nos estudantes e nas mulheres, que se mostraram mais suscetíveis a manifestações severas de ansiedade e depressão.

Palavras-chave: Transtornos de Ansiedade. Transtorno Depressivo. Universidades.

ABSTRACT

The prevalence of depressive and anxiety symptoms in the university setting is a growing challenge for mental health. This cross-sectional, observational, and analytical study investigated the distribution of these symptoms among students, faculty, and technical-administrative staff (TAE) at a public university in Brazil. Beck's Depression Inventory (BDI) and Beck's Anxiety Inventory (BAI) were applied to 720 participants, including 527 students, 96 professors, and 97 TAE. The results revealed that students showed higher prevalence rates of moderate to severe symptoms of both depression (27.9%) and anxiety (22.0%), as well as a greater proportion of severe cases (14.0% and 12.7%, respectively) compared with professors and TAE, whose rates were significantly lower. Stratified analysis among students indicated that women scored higher in all clinical domains of the inventories, highlighting greater female vulnerability in the academic context. Professors and TAE presented similar distributions, mainly concentrated in the categories of mild or absent symptoms. The findings underscore the need for institutional strategies for prevention and psychological support targeted at specific groups, with emphasis on students and women, who proved to be more susceptible to severe manifestations of anxiety and depression.

Keywords: Anxiety Disorders. Depressive Disorder. Universities.

RESUMEN

La prevalencia de síntomas de depresión y ansiedad en el ámbito universitario representa un desafío creciente para la salud mental. Este estudio transversal, observacional y analítico investigó la distribución de estos síntomas entre estudiantes, docentes y funcionarios técnico-administrativos en educación (TAE) de una universidad pública en Brasil. Se aplicaron los Inventarios de Depresión (BDI) y Ansiedad (BAI) de Beck a 720 participantes, incluyendo 527 estudiantes, 96 docentes y 97 TAE. Los resultados revelaron que los estudiantes presentaron mayores prevalencias de síntomas moderados a severos tanto de depresión (27,9%) como de ansiedad (22,0%), además de una mayor proporción de casos severos (14,0% y 12,7%, respectivamente) en comparación con docentes y TAE, cuyas tasas fueron significativamente menores. El análisis estratificado entre estudiantes mostró que las mujeres obtuvieron puntajes más elevados en todos los dominios clínicos de los inventarios, destacando una mayor vulnerabilidad femenina en el contexto académico. Docentes y TAE presentaron distribuciones semejantes, concentrándose en las categorías de síntomas leves o ausentes. Los hallazgos refuerzan la necesidad de estrategias institucionales de prevención y apoyo psicológico dirigidas a grupos específicos, con énfasis en los estudiantes y en las mujeres, quienes se mostraron más susceptibles a manifestaciones severas de ansiedad y depresión.

Palabras clave: Trastornos de Ansiedad. Trastorno Depresivo. Universidades.

INTRODUÇÃO

A prevalência de sintomas de depressão e ansiedade entre membros da comunidade



universitária tem sido amplamente documentada e representa um dos grandes desafios para a promoção da saúde mental nesse contexto. O ambiente acadêmico exige dedicação intensa, alto rendimento, adaptação constante e, frequentemente, conciliação entre trabalho, estudo e vida pessoal, fatores que favorecem o surgimento e a intensificação desses transtornos (1). No Brasil, estudos mostram que cerca de um terço dos estudantes universitários apresentam sintomas compatíveis com depressão ou ansiedade, com consequências que afetam o desempenho acadêmico, aumentam o risco de evasão e prejudicam o bem-estar geral (2). Professores e funcionários técnico-administrativos em educação (TAE) também enfrentam demandas emocionais e cognitivas relevantes, indicando que a saúde mental deve ser abordada de forma global na universidade (3).

Apesar da relevância do tema, ainda existe uma lacuna na literatura quanto à padronização dos métodos de triagem e diagnóstico desses transtornos no contexto universitário, especialmente quando se trata de comparar diferentes segmentos da comunidade acadêmica. No Brasil, há poucos estudos que utilizam instrumentos validados para avaliar a prevalência e intensidade de sintomas depressivos e ansiosos tanto em estudantes quanto em docentes e TAE, dificultando a implementação de políticas institucionais eficazes (4). A ausência de dados epidemiológicos sistematizados e de protocolos institucionais consolidados contribui para o subdiagnóstico e para a limitação de intervenções preventivas e de suporte à saúde mental nesse cenário (5).

Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre os sintomas de depressão e ansiedade na comunidade acadêmica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e as características individuais dos participantes, com destaque para o sexo biológico e a função exercida na instituição. Foram avaliadas a prevalência dos sintomas de depressão e ansiedade entre estudantes, professores e TAE, bem como as diferenças entre esses grupos. Além disso, buscou-se comparar as pontuações nos diferentes domínios clínicos dos Inventários de Depressão de Beck (BDI) e de Ansiedade de Beck (BAI) entre estudantes dos sexos masculino e feminino, visando contribuir para a compreensão e o enfrentamento dos desafios da saúde mental no ambiente universitário.

METODOLOGIA

Este estudo é do tipo transversal, observacional e analítico, desenvolvido a partir dos dados coletados pelo projeto CARDIOLOGICAMENTE, envolvendo estudantes, professores e



TAE da UNIRIO. A coleta dos dados foi realizada por meio de um questionário eletrônico estruturado na plataforma *Google Forms*, disponível para acesso em: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScuXE4PHXDY1v2-](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScuXE4PHXDY1v2-TpUxZvX7_EP2MwqkKAGJSpKd1iSDmrwY2A/viewform)

[TpUxZvX7_EP2MwqkKAGJSpKd1iSDmrwY2A/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScuXE4PHXDY1v2-TpUxZvX7_EP2MwqkKAGJSpKd1iSDmrwY2A/viewform). O formulário foi amplamente divulgado via e-mail institucional e mídias sociais, semanalmente por 4 vezes consecutivas, com o objetivo de obter maior adesão por parte dos participantes, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Todas as respostas foram automaticamente organizadas em uma tabela no *Google Sheets*, facilitando a conferência e exportação dos dados brutos para análise estatística.

O questionário foi composto por diferentes seções: identificação demográfica, hábitos de vida, histórico de saúde mental e aplicação padronizada dos Inventários BDI e BAI. As seções utilizadas para análise neste estudo foram as relativas aos inventários citados, que constituem instrumentos validados internacionalmente para a triagem e mensuração de sintomas depressivos e ansiosos (6). O BDI contém 21 perguntas, cada uma com quatro opções de resposta, pontuadas de 0 a 3, avaliando sintomas cognitivos, afetivos e somáticos relacionados à depressão nas duas últimas semanas. O BAI também possui 21 itens, igualmente pontuados de 0 a 3, destinados a mensurar sintomas somáticos e subjetivos de ansiedade. Para as análises deste trabalho, considerou-se apenas a seção dos inventários de Beck do questionário, excluindo respostas incompletas ou inconsistentes.

Foram incluídos no estudo indivíduos com idade entre 18 e 70 anos que responderam integralmente os inventários de ansiedade e depressão. Foram excluídos participantes que não completaram integralmente os questionários ou apresentaram respostas inconsistentes. As variáveis dependentes analisadas foram as pontuações totais obtidas nos inventários BDI e BAI, bem como os escores específicos por domínios clínicos. As variáveis independentes utilizadas foram o sexo biológico (masculino ou feminino) e a categoria ocupacional (estudante, professor ou TAE).

Os domínios do BDI foram definidos como: somático (relacionado a sintomas físicos, como fadiga e alterações no sono), afetivo/emocional (humor, irritabilidade) e cognitivo (autocrítica, pessimismo). Já o BAI foi subdividido em domínios: somático (manifestações físicas de ansiedade, como palpitações e sudorese) e afetivo/emocional (preocupações, sensação de medo). A divisão dos inventários em domínios clínicos seguiu critérios de agrupamento das perguntas de acordo com a literatura e tem por objetivo permitir uma análise



mais detalhada dos diferentes aspectos dos sintomas apresentados pelos estudantes (7). Essa abordagem permite identificar padrões específicos de manifestação dos transtornos, trazendo maior profundidade à análise dos resultados e subsidiando estratégias direcionadas de prevenção e intervenção em saúde mental.

Inicialmente, os participantes foram classificados segundo a gravidade dos sintomas ansiosos e depressivos, com base nas pontuações totais dos inventários (ausentes/leves, leves a moderados, moderados a severos, severos). Para comparar a prevalência dessas categorias entre os grupos ocupacionais, utilizou-se o teste do Qui-quadrado, considerando-se $p < 0,05$ para significância estatística.

Posteriormente, foi realizada análise específica dos domínios clínicos dos inventários, considerando apenas o grupo de estudantes, subdividido por sexo biológico. Inicialmente, aplicou-se o teste de normalidade Shapiro-Wilk aos escores de cada domínio. Como nenhuma das variáveis apresentou distribuição normal ($p < 0,05$), foi utilizado o teste não paramétrico de Mann-Whitney U para comparação entre homens e mulheres. Os resultados foram apresentados em valores de mediana, intervalo interquartil (IQR) e p-valor. Todas as análises estatísticas foram realizadas no Microsoft Excel e no software R.

Além das análises baseadas nas pontuações totais dos inventários, os dados foram estratificados por sexo, faixa etária e vínculo institucional (estudante, professor ou TAE), permitindo comparações entre os grupos. Foram construídas tabelas de contingência com a distribuição da gravidade dos sintomas ansiosos e depressivos em cada categoria, e aplicou-se o teste do qui-quadrado (χ^2) para verificar a associação entre essas variáveis categóricas. Esse método possibilitou identificar diferenças estatisticamente significativas entre os grupos analisados, com destaque para a comparação entre estudantes e os demais segmentos da comunidade acadêmica. O nível de significância adotado também foi de $p < 0,05$. Essa abordagem permitiu uma análise mais precisa dos padrões de distribuição dos sintomas nos diferentes domínios clínicos e ocupacionais, à semelhança de metodologias utilizadas em estudos com base no escore de risco de Framingham.



RESULTADOS

Participaram do estudo 527 estudantes, 96 professores e 97 TAE. A Tabela 1 apresenta a prevalência dos sintomas de depressão segundo a pontuação total do BDI, categorizada por grupos da comunidade universitária (estudantes, professores e TAE).

Tabela 1 – Prevalência dos Sintomas de Depressão por Categoria.

	Leves ou ausentes (0-9)	Leves a moderados (10-18)	Moderados a severos (19-29)	Sintomas severos (30-63)	Total
Estudantes	140 (26,6%)	166 (31,5%)	147 (27,9%)	74 (14,0%)	527 (100%)
Professores	46 (47,9%)	38 (39,6%)	8 (8,3%)	4 (4,2%)	96 (100%)
TAE	42 (43,3%)	37 (38,1%)	14 (14,4%)	4 (4,1%)	97 (100%)

TAE = funcionários técnico-administrativos, BDI = Inventário de Depressão de Beck. Os dados estão apresentados como número de participantes e porcentagem em cada categoria.

Fonte: elaborado pelos autores.

A análise da prevalência dos sintomas de depressão revelou que os estudantes apresentaram o maior número de casos, em termos absolutos, em todas as classificações de sintomas depressivos, o que era esperado devido ao seu maior contingente. No entanto, as prevalências mostram diferenças significativas na distribuição relativa: enquanto 47,9% dos professores e 43,3% dos TAE relataram sintomas leves ou ausentes, apenas 26,6% dos estudantes se enquadram nessa categoria. Por outro lado, os estudantes apresentaram proporções mais altas de sintomas moderados a severos (27,9%) e severos (14,0%), contrastando com os percentuais bem menores entre professores (8,3% e 4,2%) e TAE (14,4% e 4,1%). A Tabela 2 detalha a significância estatística das comparações entre os grupos em cada faixa de severidade dos sintomas depressivos.

Tabela 2 – p valor dos Sintomas de Depressão por Categoria.

	Leves ou ausentes (0-9)	Leves a moderados (10-18)	Moderados a severos (19-29)	Sintomas severos (30-63)
Estudantes x Professores	<0.0001	0.1206	0.0001	0.0065
Estudantes x TAE	0.0009	0.1992	0.0054	0.0043
Professores x TAE	0.5196	0.8375	0.1825	1.0

TAE = funcionários técnico-administrativos.

Fonte: elaborado pelos autores.



A comparação entre estudantes e professores revelou diferenças estatisticamente significativas nas categorias "Leves ou ausentes" ($p < 0,0001$), "Moderados a severos" ($p = 0,0001$) e "Sintomas severos" ($p = 0,0065$). Na comparação entre estudantes e TAE, foram também identificadas diferenças significativas nas mesmas faixas: "Leves ou ausentes" ($p = 0,0009$), "Moderados a severos" ($p = 0,0054$) e "Sintomas severos" ($p = 0,0043$). Esses dados mostram que os estudantes estão significativamente mais acometidos por sintomas depressivos intensos, com uma diferença estatisticamente robusta. Já a comparação entre professores e TAE não mostrou significância estatística em nenhuma das categorias analisadas ($p > 0,05$), sugerindo semelhança entre esses dois grupos quanto à distribuição da gravidade dos sintomas depressivos.

A Tabela 3 apresenta a prevalência dos sintomas de ansiedade conforme as pontuações obtidas no BAI, categorizadas em ausentes, leves a moderados, moderados a severos e severos, considerando os grupos dos estudantes, professores e TAE.

Tabela 3 - Quantificação por grupo da gravidade dos sintomas ansiosos segundo o BAI

	Leves ou ausentes	Leves a moderado	Moderados a severos	Sintomas severo	Total
Estudante	195 (37,0%)	149 (28,3%)	116 (22,0%)	67 (12,7%)	527 (100%)
TAE	52 (53,6%)	29 (29,9%)	9 (9,3%)	7 (7,2%)	97 (100%)
Professor	66 (68,8%)	18 (18,8%)	11 (11,5%)	1 (1,0%)	96 (100%)

TAE = funcionários técnico-administrativos, BAI = Inventário de Ansiedade de Beck. Os dados estão apresentados em número de participantes e porcentagem em cada categoria.

Fonte: elaborado pelos autores.

A análise da prevalência dos sintomas ansiosos apontou diferenças importantes na distribuição entre os três grupos analisados. Apesar de, em números absolutos, os estudantes apresentarem maior frequência em todas as categorias, devido ao tamanho do grupo, a análise relativa revelou padrões significativos. Destaca-se a maior prevalência de sintomas severos entre os estudantes (67 casos, correspondendo a 12,7%), em comparação com professores (apenas 1 caso, 1,0%) e TAE (7 casos, 7,2%). A proporção de sintomas moderados a severos também foi maior entre estudantes (116 casos, 22,0%) comparado a professores (11 casos, 11,5%) e TAE (9 casos, 9,3%). A significância estatística dessas comparações está detalhada na Tabela 4.



Tabela 4 - Comparação entre grupos quanto à gravidade dos sintomas ansiosos segundo o BAI.

	Leves ou ausentes	Leves a moderados	Moderados a severos	Sintomas severos
Estudantes x Professores	<0,0001	0,052	0,0182	0,0007
Professores x TAE	<0,0309	0,0712	0,6193	0,0314
Estudantes x TAE	<0,0021	0,7448	0,004	0,1238

TAE = funcionários técnico-administrativos, BAI = Inventário de Ansiedade de Beck.

Fonte: elaborado pelos autores.

A análise estatística indicou diferenças significativas especialmente entre estudantes e professores, sendo observadas nos sintomas ausentes ($p < 0,0001$), moderados a severos ($p = 0,0182$) e severos ($p = 0,0007$). Entre os estudantes e TAE, houve diferenças estatísticas significativas nos sintomas ausentes ($p < 0,0021$) e moderados a severos ($p = 0,0040$). Já na comparação entre professores e TAE, foram encontradas diferenças significativas nas categorias "ausentes" ($p = 0,0309$) e "severos" ($p = 0,0314$), embora com frequência relativamente baixa no grupo de sintomas severos.

Foi realizada uma análise mais detalhada especificamente entre os estudantes, a fim de investigar se existiam diferenças relacionadas ao sexo biológico nos escores obtidos nos domínios clínicos dos BAI e BDI, apresentados na tabela 5.

Tabela 5 – Distribuição das medianas dos estudantes por sexo nos domínios clínicos do BAI e BDI

Domínio	Homens	Mulheres	p valor
BAI - Somático	4.0 (6.0)	8.0 (9.0)	<0.0001
BAI - Afetivo/Emocional	4.0 (6.0)	7.0 (8.0)	<0.0001
BDI - Somático	4.0 (3.0)	5.0 (4.0)	0.0119
BDI - Afetivo/Emocional	6.5 (8.75)	8.0 (9.0)	0.0025
BDI - Cognitivo	3.0 (4.0)	4.0 (4.0)	0.0065

BAI = Inventário de Ansiedade de Beck; BDI = Inventário de Depressão de Beck; p valor obtido por teste de Mann-Whitney U. Os dados estão apresentados como mediana e diferença entre o 3º quartil (Q3) e o 1º quartil (Q1).

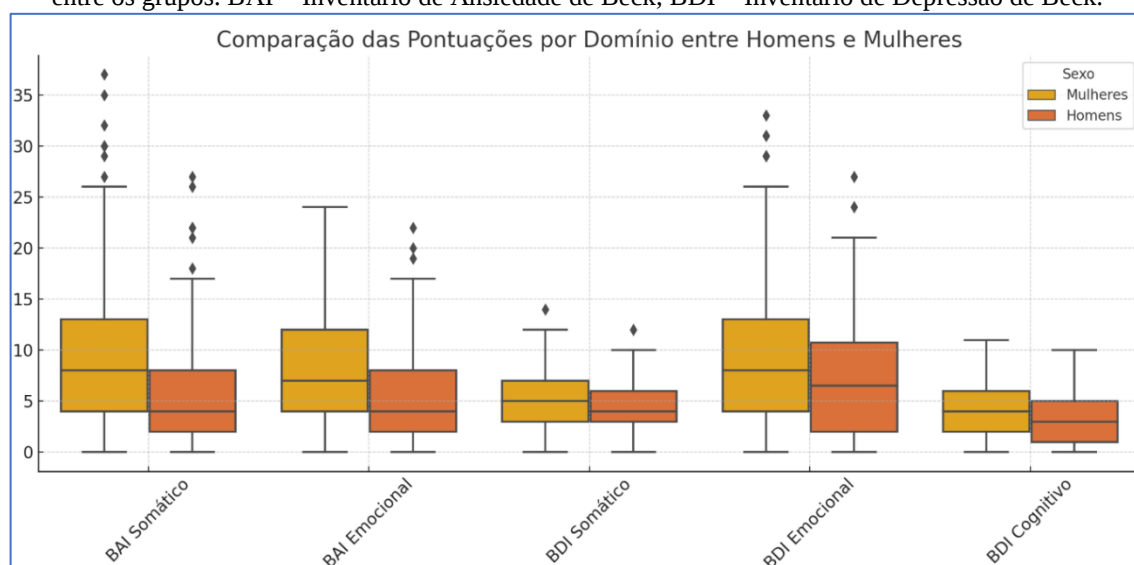
Fonte: elaborado pelos autores.

Considerando os estudantes, no domínio somático da ansiedade (BAI - Somático), observou-se uma diferença significativa ($U = 18021,5$; $p < 0,001$), assim como no domínio

emocional da ansiedade (BAI - Afetivo/Emocional) ($U=19226,5$; $p<0,001$). Para os domínios da depressão (BDI), os resultados também apontaram significância estatística, sendo: BDI - Somático ($U=23455,0$; $p=0,0119$), BDI - Afetivo/Emocional ($U=22657,0$; $p=0,0025$) e BDI - Cognitivo ($U=23141,5$; $p=0,0065$). Esses achados demonstram que as estudantes do sexo feminino apresentaram escores significativamente mais altos em todos os domínios investigados.

A figura 1 apresenta essas diferenças por meio das medianas e dispersão interquartil das pontuações por domínio, separadas por sexo, o que reforça os achados quantitativos apresentados na Tabela 5, destacando-se claramente maiores medianas de pontuação entre as estudantes do sexo feminino em todos os domínios, com dispersões mais amplas, principalmente nos domínios relacionados aos sintomas de ansiedade (BAI - Somático e BAI - Afetivo/Emocional).

Figura 1 – Distribuição das pontuações por domínio entre estudantes do sexo feminino e masculino. Cada box representa a mediana, primeiro e terceiro quartis dos grupos. Os símbolos (♦) indicam diferença significativa entre os grupos. BAI = Inventário de Ansiedade de Beck; BDI = Inventário de Depressão de Beck.



Fonte: elaborado pelos autores.

DISCUSSÃO

O estudo revelou que os estudantes universitários apresentam prevalências significativamente mais altas de sintomas depressivos moderados a severos e severos, enquanto professores e TAE concentram-se principalmente na categoria “leves ou ausentes”. Esse padrão confirma a maior vulnerabilidade dos estudantes à depressão, já evidenciada em diferentes



contextos acadêmicos. Uma revisão sistemática global estimou que cerca de 25% dos universitários sofrem de depressão (8), valor semelhante ao encontrado em países de baixa e média renda, onde a prevalência foi de 24,4% (9). Um estudo etíope, com prevalência de 28,13% (10), e a meta-análise com estudantes de medicina iranianos, que indicou 25% de sintomas moderados a graves (11), reforçam essa tendência, mesmo em amostras de perfis e realidades distintas. Em contrapartida, professores e TAE apresentaram prevalências mais baixas de sintomas intensos e não diferiram significativamente entre si. Apesar disso, estudos indicam que esses grupos também não estão isentos de risco, já que o setor de ensino figura entre as ocupações mais propensas ao estresse (12). Além disso, um levantamento realizado durante a pandemia de COVID-19 mostrou que 59,9% dos professores relataram sintomas de depressão (13), sugerindo que fatores situacionais podem impactar a saúde mental desses profissionais.

No que se refere à ansiedade, os dados do presente estudo evidenciaram um padrão semelhante ao observado para a depressão: os estudantes concentraram as maiores prevalências, especialmente na categoria de sintomas severos (12,7%), superando professores (1,0%) e TAE (7,2%). Esses achados se alinham a levantamentos nacionais, como o realizado em nove universidades federais brasileiras, que apontou prevalência global de ansiedade de 42,5% entre estudantes, abrangendo níveis leves a severos (14). Embora professores e TAE apresentem índices menores, é importante reconhecer que mesmo sintomas menos intensos, quando persistentes, podem evoluir para quadros clínicos mais graves se não houver estratégias de prevenção e suporte adequadas (15,16). Essa análise reforça que, embora todos os segmentos da comunidade acadêmica estejam expostos a riscos psicossociais, os estudantes configuram o grupo mais vulnerável, possivelmente devido à combinação de pressões acadêmicas, incertezas quanto ao futuro profissional e, muitas vezes, conciliação entre estudo, trabalho e responsabilidades pessoais.

A análise dos domínios clínicos do BDI e do BAI mostrou que as estudantes do sexo feminino apresentaram escores mais altos que os masculinos em todos os aspectos avaliados, tanto nos sintomas cognitivos quanto nos somáticos, indicando maior intensidade da sintomatologia depressiva e ansiosa. Esse padrão é consistente com estudos brasileiros que investigaram populações universitárias, como o realizado com estudantes de medicina no Sul do país, no qual as mulheres apresentaram médias significativamente superiores de ansiedade e depressão em comparação aos homens (19,1 vs. 13,1 no BAI e 13,8 vs. 9,9 no BDI) (17). De



forma semelhante, pesquisa com universitários de uma instituição privada no Rio Grande do Sul também identificou maior prevalência e intensidade de sintomas depressivos e ansiosos entre mulheres, independentemente do curso frequentado (18). Em conjunto, esses achados reforçam a tendência de maior vulnerabilidade psicopatológica no sexo feminino no contexto acadêmico, o que pode demandar estratégias específicas de prevenção e suporte.

A principal limitação deste estudo é que os resultados não podem ser generalizados para outras populações, como estudantes de instituições privadas ou de cursos específicos, por exemplo, faculdades de medicina particulares, uma vez que o perfil dos participantes e o contexto institucional podem diferir significativamente. Além disso, a diversidade de instrumentos utilizados em outros estudos (como BAI, BDI e diferentes escalas) dificulta a comparação direta dos achados com outros trabalhos semelhantes. Além disso, o número absoluto de participantes foi baixo (menos de 10% da população-alvo), mas o cálculo de amostra revelou ser uma amostra significativa estatisticamente. Ainda assim, o desbalanceamento entre os grupos, com maior proporção de estudantes, pode ter influenciado a distribuição dos resultados nas categorias de menor ocorrência. Por fim, o caráter não probabilístico da amostragem e a participação voluntária podem ter favorecido a adesão de indivíduos mais sensibilizados pelo tema, constituindo um possível viés de autorreferência.

Os resultados deste estudo evidenciam que, no contexto universitário da UNIRIO, os estudantes apresentam prevalências mais elevadas e intensidade mais acentuada de sintomas depressivos e ansiosos em comparação a professores e TAE, com destaque para a maior vulnerabilidade do sexo feminino em todos os domínios clínicos avaliados pelo BDI e BAI. Esses achados refletem um padrão consistente com a literatura nacional e internacional, reforçando que a saúde mental da comunidade acadêmica é impactada de forma desigual, com determinados grupos mais suscetíveis a manifestações severas. A identificação desses perfis de risco possibilita direcionar estratégias institucionais específicas e integradas, capazes de contemplar tanto ações preventivas quanto medidas de suporte psicológico adaptadas às necessidades de cada segmento.

AGRADECIMENTOS

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



REFERÊNCIAS

1. BATISTA, J. B.; FRANCISCO, P. M. S. B. Prevalência de depressão e fatores associados em universitários brasileiros: revisão sistemática. *Rev Bras Epidemiol*, v. 23, e200034, 2020.
2. SANTOS, A. B.; OLIVEIRA, L. M.; NOGUEIRA, L. S. Impacto da ansiedade na vida acadêmica: um estudo com universitários brasileiros. *Psico-USF*, v. 26, n. 3, p. 437-49, 2021.
3. SOUSA, I. C. S.; FREITAS, B. A. C.; ROCHA, K. O.; LIMA, L. M. Risco cardiovascular e estado mental de estudantes e funcionários de uma instituição de ensino superior: estudo transversal. *Revista Contemporânea*, v. 4, p. 1-20, 2024.
4. ANDRADE, L. H.; WANG, Y. P.; ANDREONI, S.; SILVEIRA, C. M.; ALEXANDRINO-SILVA, C.; SIU, E. R.; et al. Mental disorders in megacities: findings from the São Paulo Megacity Mental Health Survey, Brazil. *PLoS One*, v. 7, n. 2, e31879, 2012.
5. ALMEIDA, L.; SILVA, D.; SANTOS, J. Relação entre ansiedade, depressão e desempenho acadêmico em universitários. *J Bras Psiquiatr*, v. 68, n. 1, p. 1-9, 2019.
6. GOMES-OLIVEIRA, M. H.; GOWERI, A.; LOTUFO NETO, F.; ANDRADE, L. H.; WANG, Y. P. Validation of the Brazilian Portuguese version of the Beck Depression Inventory-II in a community sample. *Rev Bras Psiquiatr*, v. 34, n. 4, p. 389-394, 2012.
7. SCAINI, J. L.; DE SOUZA, L. D. M.; DE CASTRO, M. R. P.; DE MENEZES, G. B.; PINHEIRO, D. O.; SOUZA, J. S. C. Psychometric properties of the Beck Anxiety Inventory: a comparative study between clinical and non-clinical samples. *Rev Bras Psiquiatr*, v. 38, n. 4, p. 271-276, 2016.
8. SHELDON, E.; SIMMONDS-BUCKLEY, M.; BONE, C.; MASCARENHAS, T.; CHAN, N.; WINCOTT, M.; GLEESON, H.; SOW, K.; HIND, D.; BARKHAM, M. Prevalence and risk factors for mental health problems in university undergraduate students: A systematic review with meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, v. 287, p. 282–292, 15 maio 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33812241/>. Acesso em: 14 ago. 2025.
9. AKHTAR, P.; MA, L.; WAQAS, A.; NAVEED, S.; LI, Y.; RAHMAN, A.; WANG, Y. Prevalência de sintomas depressivos entre estudantes universitários em países de baixa e média renda: revisão sistemática e meta-análise. *Journal of Affective Disorders*, v. 274, p. 911–919, set. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32664032/>. Acesso em: 14 ago. 2025.
10. ANBESAW, T.; ZENEBE, Y.; NECHO, M.; GEBRESELLASSIE, M.; SEGON, T.; KEBEDE, F.; BETE, T. Prevalência de depressão entre estudantes universitários: revisão sistemática e meta-análise nas universidades etíopes. *PLoS One*, v. 18, n. 10, e0288597, 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10569578/>. Acesso em: 14 ago. 2025.
11. PEREIRA, A.; LOPES, R. L.; SILVA, M. C.; et al. Depression among university students: prevalence and associated factors — a cross-sectional study. *PLOS ONE*, v. 19, n. 7, e0307117, 2024. Disponível em:



<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0307117>. Acesso em: 14 ago. 2025.

12. VAN DEN BORRE, L.; SPRUYT, B.; VAN DROOGENBROECK, F. Early career teacher retention intention: Individual, school and country characteristics. *Teaching and Teacher Education*, v. 105, p. 103427, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0742051X21001517>. Acesso em: 14 ago. 2025.

13. ORYS, B. J.; et al. Gender impacts the relationship between mood disorder symptoms and avoidance performance: analyzing Beck Depression and Anxiety Inventory proportion scores. *Work: A Journal of Prevention, Assessment & Rehabilitation*, [s. l.], [volume não informado], [páginas não informadas], 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.3233/WOR-220062>. Acesso em: 14 ago. 2025.

14. Revista Pesquisa FAPESP. Depressão e ansiedade entre estudantes. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/depressao-e-ansiedade-entre-estudantes/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

15. Araújo, R.M.; Rodrigues, A.C. Ansiedade em professores universitários: demandas e estratégias de enfrentamento. *Rev Bras Educ Med*. 2022;46(1):e013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/QRW5cQW9D4bDdPjyyXxyFLR/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

16. Almeida, A.C.; Rocha, A.M. Saúde mental de técnicos administrativos em educação: fatores de risco e proteção. *Rev UNESP*. 2021;53:e2021-004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rounesp/a/4Vxw35fZ3HvwryNwRbQYDxc/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

17. SILVA, R. M.; GOMES, A. P.; OLIVEIRA, W. A.; MOREIRA, A. S.; TERRA, F. S.; TEIXEIRA, L. A. Sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina: estudo comparativo por sexo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, n. 1, p. 76-85, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/kw7NCQY7r4c9T9bKxqt6wqj/?lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2025.

18. ANDRADE, L. H. M.; MOURA, M. S.; SILVA, A. L. C. Depressão, ansiedade e estresse em universitários: um estudo de prevalência. *Psico-USF*, v. 14, n. 2, p. 245-254, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-82202009000200004&script=sci_arttext. Acesso em: 14 ago. 2025.